

# EXTRA

R\$ 1,50



Aponte a câmera do celular e acesse o EXTRA

PRIMEIRA EDIÇÃO  
RIO DE JANEIRO  
QUARTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2021  
ANO XXIV  
NÚMERO 9.168

BRASIL, 2021

# A DOR DA FOME



“ Antes, as pessoas passavam aqui e pediam um pedaço de osso para dar para os cachorros. Hoje, elas imploraram por um pouco de ossada para fazer comida. O meu coração dói.

JOSÉ DIVINO SANTOS  
MOTORISTA DO  
CAMINHÃO DOS OSSOS

Em um país com inflação galopante, desemprego em alta e 19 milhões de brasileiros passando fome, um caminhão carregado de pelanca e osso virou a esperança de famílias inteiras. No Rio, uma fila do desespero é formada no bairro da Glória por moradores de várias regiões, que percorrem quilômetros para levar ao prato esses restos. O material, descartado por mercados e açougues, iria para fábricas de sabão e ração de cachorro. **PÁGINA 3**

**COLUNISTA**



**LEONARDO FERREIRA**  
**IZA planeja filhos e uma agenda mais calma no futuro**

PÁGINA 16

**JOGO / EXT**

**Mengão com força máxima**

► Renato terá todos os titulares à disposição para a decisão contra o Barcelona, no Equador.



MARCELO CORTES / FLAMENGO

**COLUNISTA**



**BERENICE SEARA**  
**Paes prevê quase R\$ 40 bilhões no orçamento de 2022**

PÁGINA 7

**Pfizer pede o reforço para todas as idades**

PÁGINA 9

**INSS: Congresso suspende a prova de vida**

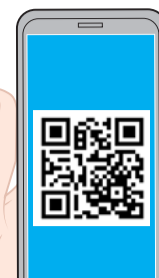
PÁGINA 12



# EXTRA

PRIMEIRA EDIÇÃO  
RIO DE JANEIRO  
SEXTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 2021  
ANO XXIV  
NÚMERO 9.170

R\$ 1,50



Aponte a câmera do celular e acesse o EXTRA



## De olho nos títulos

► Herói da semifinal, Bruno Henrique se igualou a Pelé ao fazer dois gols em cada uma das partidas e ultrapassou a marca de 16 gols de Zico na Libertadores, com 18.

VIVA O REI!  
*Pelé tem alta e volta para casa*

## PRAZO PRORROGADO

# Saiba como cadastrar o imóvel e garantir o desconto no IPTU

Prefeitura do Rio reabre possibilidade para proprietários de todas as regiões da cidade. **PÁGINA 15**

## Na panela, pelanca com batata



► Moradora da Baixada, Denise Fernandes, de 51 anos, garantiu o almoço de ontem para filhos e netos com os restos que conseguiu no caminhão mostrado pelo EXTRA. "O que mais me dói é quando não tem nada para eu fazer." **PÁGINA 3**

## SESSÃO EXTRA



## Sonho de ser papai de novo

► Ao lançar versão de "Sonho por sonho", sucesso na voz de José Augusto e regravação por Leandro & Leonardo, Belo revela que maior desejo é ter um filho com a mulher, Gracyanne Barbosa. **PÁGINA 13**

## Senador dá lição de cidadania na CPI após ataque homofóbico

► Fabiano Contarato exigiu desculpa do empresário Otávio Fakhoury por ofensas preconceituosas feitas nas redes sociais. **PÁGINA 8**



Constrangido, Fakhoury acabou pedindo desculpa a Contarato

## COLUNISTA



LEONARDO FERREIRA  
**Tom Cavalcante guarda carrão que ganhou do Rei**

**PÁGINA 16**

## STF autoriza a exigência do passaporte da vacina

► O presidente do Supremo, Luiz Fux, reestabeleceu a validade do decreto que pede a comprovação de vacinação para alguns ambientes. **PÁGINA 6**

## Preso, 'faraó dos bitcoins' teria regalias

**PÁGINA 7**

## Secretário do Rio é condenado, mas fica no cargo

**PÁGINA 4**



MISÉRIA NUA E CRUA

Enquanto o desemprego e a inflação galopam, caminhão com restos é disputado

Rafael Nascimento de Souza e Gabriel Sabóia granderio@oglobo.com.br

Pouco após as 10h, o caminhão estaciona na Glória, Zona Sul do Rio. Minutos depois, a fila se forma. É que já havia gente esperando o veículo, que recolhe ossos e pelancas de supermercados da cidade. Sensibilizados, motorista e ajudante da empresa doam ali toda terça e quinta parte do que foi recolhido. Diante do desemprego — que ficou em 14,1% no segundo trimestre de 2021, atingindo 14,4 milhões de brasileiros — e da inflação galopante — que com a prévia deste mês chegou a 10,05% no acumulado em 12 meses, ultrapassando os dois dígitos pela primeira vez desde fevereiro de 2016 —, é a esperança daquelas pessoas de encontrarem um pedaço de carne para matar a fome.

Uma vez por semana, a desempregada Vanessa Avelino de Souza, de 48 anos, que mora nas ruas do Rio, caminha até o ponto de distribuição. Com paciência, separa pelanca por pelanca, osso por osso em busca de algo melhor para pôr na sacola.

— A gente limpa e separa o resto de carne. Com o osso, fazemos sopa, colocamos no arroz, no feijão... Depois de fritar, guardamos a gordura e usamos para fazer a comida — explica Vanessa, que lamenta não conviver com os cinco filhos: — Não tenho como cuidar deles. Por isso, eles são criados pela minha mãe. Não temos quase nada. O que temos é de doações. Lá, pelo menos, eles têm um pouco de dignidade.

Na fila da fome, Vanessa não está só. Outras mulheres, homens e jovens se amontoam em busca do restolho da carne e dos ossos. A pobreza extrema, que leva pessoas a garimpar restos, foi acentuada no Brasil durante a pandemia de Covid-19.

**NO RIO** No estado, 12% da população vivem com renda entre R\$ 89 e R\$ 178 Levantamento da Rede Brasileira de Pesquisas em Segurança Alimentar e Nutricional mostrou que mais de 116,8 milhões de pessoas vivem hoje sem acesso pleno e permanente a alimentos. Dessas, 19,1 milhões (9% da população) passam fome, vivendo “quadro de insegurança alimentar grave”. Os números revelam um aumento de 54% no número de pessoas que sofrem com a escassez de alimentos se comparado a 2018.

Mãe de 5 e avó de 12, Denise da Silva, de 51 anos, ficou viúva recentemente. Agora, está sozinha na luta para alimentar a família. Duas vezes por semana, sai de São João de Meriti, na Baixada, onde mora, em busca das pelancas. De trem, percorre quase 33km até a Central. Sem poder pagar outra passagem, caminha outros 3km até a Glória.

— Não vejo um pedaço de carne há muito tempo, desde que a pandemia começou. Esse osso é a nossa mistura. Levamos para casa e fazemos para os meninos comerem. Sou muito grata por ter isso aqui — conta.

Irmã de Denise, a desempregada Sheila Fernandes da Silva, de 43 anos, também busca restos de carne. Ela mora numa ocupação no Centro do Rio e divide o que recolhe com o filho, que também não tem emprego. Dá apenas para dois dias:

— Você não sabe a alegria quando o caminhão chega aqui. É a certeza que teremos algo diferente para dois dias.



Luis escolhe suas peças e ajuda a organizar a distribuição

# NA FILA DA PELANCA E DO OSSO



**SOBRAS** População seleciona porções do que restou das carnes. Abaixo, Vanessa recolhe sua parte



## ‘Pediam para o cachorro, hoje é para comer’

► Nascido em Além Paraíba, interior de Minas Gerais, o motorista do caminhão, José Divino Santos, de 63 anos, conta que, nos últimos meses, aumentou o número pessoas pedindo ossos e restos de sebo.

— Tem dias que chego aqui e tenho vontade de chorar. Um país tão rico não pode estar assim. É muito triste as pessoas passarem por essa situação. O meu coração dói. Antes, as pessoas passavam aqui e pediam um pedaço de osso para dar para os cachorros. Hoje, elas imploram por um pouco de ossada para fazer comida. Duas ou três pessoas em situação de rua passavam aqui e levavam. Hoje, tem dia que tem umas 15 pessoas — narra José Divino.

Ele lembra ainda que os restos seguem para uma fábrica no bairro Santa Rita, em Nova Iguaçu. Lá, parte do material vira ração para animais e a outra — a gordura — é utilizada para fazer sabão em barra.

— Às vezes, está meio estragado, a gente fala, mas as pessoas querem assim mesmo — conta sem conter as lágrimas.

## A fome nossa de cada dia, triste rotina

► Karlinha de Jesus, de 48 anos, é capixaba. Na esperança de dias melhores, veio para o Rio em 2018. Mas o sonho não se realizou e hoje ela vive com o companheiro na rua, no entorno do Monumento aos Pracinhas, no Aterro, perto de onde o caminhão da pelanca estaciona:

— Pego aqui há uns seis meses às terças. É uma ajuda e tanto! Pego, levo e salgo. Durante a semana, vou fazendo para a gente. Na rua é tudo muito difícil. Várias vezes, a gente passa fome.

Já o Luis, de 39 anos, que mora nas calçadas da Glória, pega a sua parte enquanto ajuda a organizar a entrega.

— Acho que umas dez pessoas comem do que levo — conta.

Ontem, cerca de 12 pessoas recolhiam os ossos quando chegou Adailton da Silva, de 33 anos, com seu carrinho de mão. Era sua primeira vez. Os mais experientes o ajudaram a retirar sua parte:

— Um rapaz me disse que aqui eles doam osso. Vou tentar tirar um pouco dessa carne e fritar. O restou vou fazer gordura. O óleo está muito caro.



## O ALMOÇO ESTÁ NA MESA, MAS O JANTAR É INCERTO

FOTOS DE DOMINGOS PEIXOTO



**Rafael Nascimento de Souza**  
rafael.souza@extra.inf.br

► Foi com o resto da pelanca que pegou no caminhão dos ossos na terça-feira, como o EXTRA mostrou na última quarta-feira, que a desempregada Denise Fernandes da Silva, de 51 anos, fez o almoço de ontem para os filhos e os 12 netos. Como a quantidade era pouca, e ela não tinha dinheiro para comprar mais alimentos, ela recorreu a doações de frutas e legumes nas proximidades do bairro Parque Alian, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, para incrementar o cardápio do dia. Arroz, feijão e pelanca com batatas:

— É o que temos para o almoço. Mais tarde, Deus proverá.

Denise tinha como missão alimentar um batalhão de gente. E fez milagres. Com as mãos fabulosas de uma boa merendeira que foi, aquela foi a principal refeição do dia para a família inteira.

— Eu ia hoje (ontem) para a Glória para pegar a mistura. Mas não tive os R\$ 15 das passagens de ida e volta. Então, para completar o resto (da pelanca) que tinha, fui ali do outro lado da linha do trem e consegui uns tomates, umas batatas, umas cebolas e cheiro verde. Vou acrescentar e, se Deus quiser, vai render — planejava.

Com o amor e a experiência de quem já cozinhou para dezenas de crianças na Escola Municipal Parque Alian, a ex-merendeira descascou o alho, a cebola e colocou o resto de carne para cozinhar. Minutos depois, servia a criança.

— Sou muito grata ao seu José (motorista do caminhão que recolhe a ossada de mercados da Zona Sul do Rio e distribuía uma parte à população faminta). Com esse alimento consigo matar a fome dos meus filhos e netos. Olha como ficou bonito — apontou, orgulhosa, para a comida pronta.

## SEM FONTE DE RENDA

**Desempregada, Denise ficou viúva e teve o auxílio emergencial negado**

O jantar, no entanto, ainda era incerto.

Desempregada, Denise conta que passou a pandemia toda tentando o auxílio emergencial, que foi negado. Só uma de suas filhas recebe ajuda do governo.

— Há dois anos eu perdi meu marido, e ele não deixou nenhuma fonte de renda. Então, como não consigo emprego, a gente vive nessa dificuldade. Não queríamos estar nessa situação. O que mais me dói é quando eu abro o armário e não tem nada para eu fazer.

Enquanto isso, na Glória, Zona Sul do Rio, Luiz Vander Ferreira da Silva, de 39 anos, unido a Denise pela mesma tragédia da fome, fritava o resto de pelanca e algumas peles de galinha que conseguiu numa feira para matar a fome da família e de amigos.

— Para complementar o almoço, fui na feira e o moço me deu um pouco dessa pele de galinha. Temperei e estou fritando. Vai ser a refeição do dia — contou Vander, debruçado sobre o pequeno fogão a lenha improvisado na rua, onde vive.

— Amanhã será um novo dia.



**TUDO DE DOAÇÃO**  
Da fila do caminhão de pelanca, na Glória, à sua cozinha, na Baixada: Denise incrementou

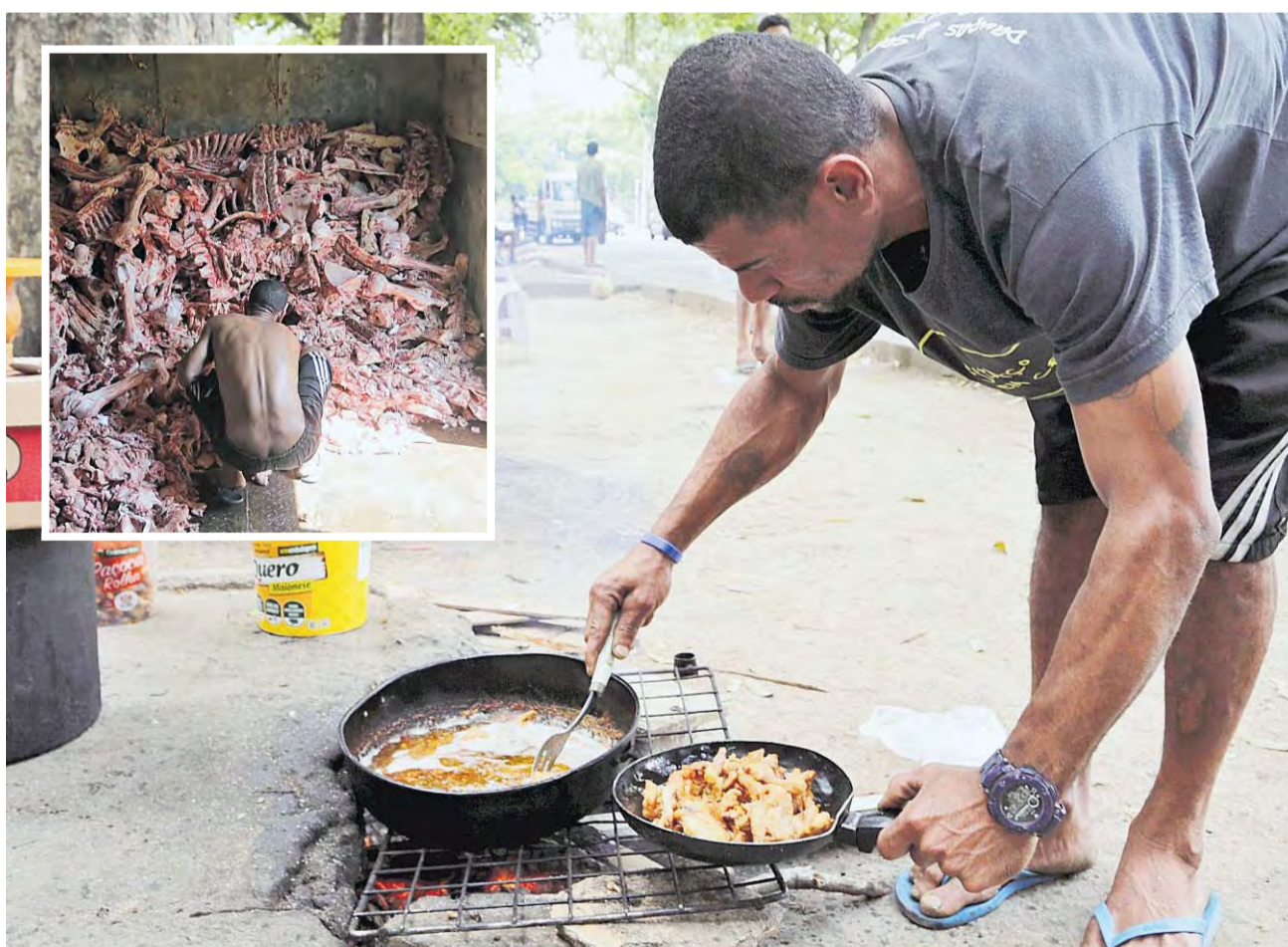
**524 MIL**

**Cestas básicas**

► Total distribuído pelo movimento voluntário União Rio durante a pandemia de Covid-19

# DO CAMINHÃO PARA O PRATO

Ex-merendeira alimenta a família com restos de carne garimpados



## À espera da fila dos ossos, decepção

► Ontem, pouco depois das 11h, a desempregada Sheila Fernandes da Silva, de 43 anos, com os olhos marejados concluiu: “É, acho que ele não vem mais. Não teremos a mistura para os próximos dias”. O caminhão dos ossos não estacionou ontem na Glória, como costuma fazer às quintas. Sheila e a filha, que haviam saído da Pavuna, na Zona Norte do Rio, pouco depois das 8h30, foram almoçar na casa de Denise, irmã de Sheila, em São João de Meriti, onde as pelancas de terça-feira ainda renderam uma refeição.

Outras pessoas que esperavam na fila da fome, que cresceu após a notícia da existência do caminhão se espalhar, lamentaram.

Os dados de pobreza no Rio mostram um “cenário desolador”, define o economista Marcelo Neri.

— No caso do Rio, como vimos, houve um aumento forte de pobreza depois de interrupção do auxílio emergencial, o que agrava ainda mais a situação de fome. O que ameniza é que o Rio sedia organizações da sociedade civil especializadas no tema como a Ação da Cidadania, fundada por Betinho — diz Neri. ▸

## Mais duas mil cestas básicas

► Publicadas pelo EXTRA, imagens da fila de pessoas à espera de ossos e restos de carne descartados, distribuídos num caminhão na Zona Sul do Rio, correram o país. O movimento voluntário União Rio, criado para apoiar comunidades vulneráveis em tempos de Covid, vinha enfrentando queda nas doações nas últimas semanas, mas, motivado pela revelação da multi-

dão de famintos na cidade, levantou verba para quase duas mil cestas básicas.

— Temos casos de famílias que eram absolutamente organizadas e perderam o emprego. Gente que nunca precisou de ajuda e hoje necessita — relata Daniella Raimundo, cofundadora do movimento.

O economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social, estabele-

ce como linha de pobreza uma base de R\$ 261 mensais por pessoa. O grupo abaixo desse limite, de 6,4% da população fluminense em 2019, saltou para 7% em novembro passado, quando houve redução no valor do auxílio emergencial, e, em fevereiro de 2021, chegou a 10,65%. Ou seja, o estado viu surgir 745.148 pobres a partir da pandemia, atingindo 1.849.491 pessoas.

**Luis Vander cozinhou as pelancas garimpadas na terça com a pele de galinha doada ontem: “Refeição do dia”**

COLABORARAM:  
**Felipe Grinberg e Lucas Altino**





População de rua e bairros vizinhos recolhem restos de pelanca e ossos descartados por açougues e supermercados para sua alimentação, dentro de um caminhão. Esse material teria o destino para fabrica de sabão e lixo. Tudo isso acontece em área nobre da cidade.

Moradores de rua não identificados, do primeiro ao terceiro, não identificados.

Rua do Catete, cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Fotografia realizada em 28 de setembro de 2021.



FOTO 2



Morador de rua, Luis Vanderson recolhe restos de pelanca e ossos descartados por açougues e supermercados para sua alimentação, dentro de um caminhão. Esse material teria o destino para fabrica de sabão e lixo. Tudo isso acontece em área nobre da cidade.

Personagem Luis Vanderson.

Rua do Catete, cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Fotografia realizada em 28 de setembro de 2021.





População de rua e bairros vizinhos recolhem restos de pelanca e ossos descartados por açougues e supermercados para sua alimentação dentro de um caminhão e tonel. Esse material teria o destino para fabrica de sabão e lixo. Tudo isso acontece em área nobre da cidade.

Moradores de rua não identificados, do primeiro ao sétimo, não identificados.

Rua do Catete, cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Fotografia realizada em 28 de setembro de 2021.





População de rua e moradores de bairros distantes, fazem fila para recolher restos de pelanca e ossos descartados por açougues e supermercados para sua alimentação dentro de um caminhão. Esse material teria o destino para fábrica de sabão e lixo. Tudo isso acontece em área nobre da cidade.

Da esquerda para direita, a primeira não identificada, a segunda de camisa preta **Sheila Fernandes** ao lado de sua irmã de camisa colorida, **Denise Fernandes** e o último personagem não identificado. As duas irmãs percorrem 50km saindo de outro município até o bairro do Catete.

Rua do Catete, cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Fotografia realizada em 28 de setembro de 2021.





População de rua e moradores de bairros distantes, fazem fila para recolher restos de pelanca e ossos descartados por açougues e supermercados para sua alimentação dentro de um caminhão. Esse material teria o destino para fabrica de sabão e lixo. Tudo isso acontece em área nobre da cidade.

Da esquerda para direita, de camisa preta **Sheila Fernandes** ao lado de sua irmã de camisa colorida, **Denise Fernandes**. As duas irmãs percorrem 50km saindo de outro município até o bairro do Catete.

Rua do Catete, cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Fotografia realizada em 28 de setembro de 2021.





As irmãs Sheila e Denise Fernandes, com seus filhos e netos, moradoras do município de Coelho da Rocha, distante a 50km do Rio de Janeiro, mostram carne recolhida do caminhão e batatas recolhidas em feiras públicas que seriam descartadas para o lixo, para fazer o almoço da família.

Da esquerda para direita, de camisa preta **Sheila Fernandes** ao lado de sua irmã de vestido colorido, **Denise Fernandes** e familiares.

Fotografia realizada em 30 de setembro de 2021.





Denise Fernandes prepara almoço para a família com pelanca e batata, que seriam descartadas para o lixo.

Personagem **Denise Fernandes**.

Fotografia realizada em 30 de setembro de 2021.





Denise Fernandes, observa sua família almoçar, na incerteza de saber como vai conseguir alimento para os próximos dias, em sua casa no município de Coelho da Rocha.

Personagem da esquerda para a direita: Sheila Fernandes sentada na poltrona com sua neta. Sheila, sua filha e dois netos sentados no sofá.

Fotografia realizada em 30 de setembro de 2021.





Luis Vanderson, morador de rua, frita pelanca de galinha em seu fogão a lenha improvisado, tendo como único alimento do dia. Este é o canteiro central da rua da Glória, Rio de Janeiro, Brasil, local atual de sua moradia.

Personagem **Luis Vanderson**.

Fotografia realizada em 30 de setembro de 2021.





Neta de Denise Fernandes, deixa para o final o melhor de sua refeição: pedaços de pelanca que seriam transformados em barras de sabão e detergente, utilizados com item de limpeza, para a sociedade brasileira.

Personagem Neta de **Denise Fernandes**

Fotografia realizada em 30 de setembro de 2021.